

economia

Estresse térmico afeta produção de leite no RS

Animais com maior potencial produtivo são os que sofrem mais impacto no rendimento com condições adversas



Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Ventres leiteiros de propriedades rurais gaúchas enfrentaram quase 10% mais tempo de estresse térmico no outono de 2024 em relação ao período anterior. Além das perdas de animais e na coleta nas propriedades, por conta das chuvas extremas em maio, o impacto da combinação de temperaturas elevadas e alta umidade relativa do ar sobre os animais provocou diminuição no volume diário de produção e exigiu mudanças no manejo dos plantéis.

É o que diz o Comunicado Agrometeorológico 71, editado pelo Departamento de Diagnóstico

e Pesquisa Agropecuária (DDPA) da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação, divulgado nesta segunda-feira. A situação foi verificada com maior intensidade no mês de março, nas regiões Oeste, no Alto e baixo Uruguai, Central e também em Campo Bom e Porto Alegre.

Conforme a médica-veterinária Adriana Tarouco, pesquisadora do DDPA, as maiores estimativas de perdas médias diárias de produção de leite são atribuídas às vacas com mais potencial de produção. Isso se deve à elevada produção de calor corporal, devido às altas taxas metabólicas desses animais, dificultando as trocas calóricas com o ambiente, em situações que conciliam temperatura e umidade relativa do ar elevadas.

De acordo com o estudo, vacas com produção entre 25 quilos e 40 quilos de leite ao dia tiveram queda média estimada para o tri-

mestre variando de 3,3 quilos, em abril, a 5,9 quilos, em março. Já vacas que produzem 5 quilos e 20 quilos de leite por dia tiveram redução média em março estimada 1,7 quilo e 3,5 quilos diários, respectivamente.

Em abril, os ventres com produção de 5 quilos ao dia apresentaram queda de 1,5 quilo, e os com produção de 20 quilos apresentaram diminuição de 2,9 quilos. Já em maio, as estimativas de redução variaram de 1,6 quilo ao máximo de 3,1 quilos diários.

Situações de estresse térmico exigem manejo diferenciado para salvaguardar os animais. Adriana observa que entre as medidas essenciais para manter a saúde do plantel, o volume e a qualidade do leite estão a oferta de áreas de sombreamento, contra sol, frio e chuva, e água em abundância e de qualidade. A implantação de sistemas integrados,



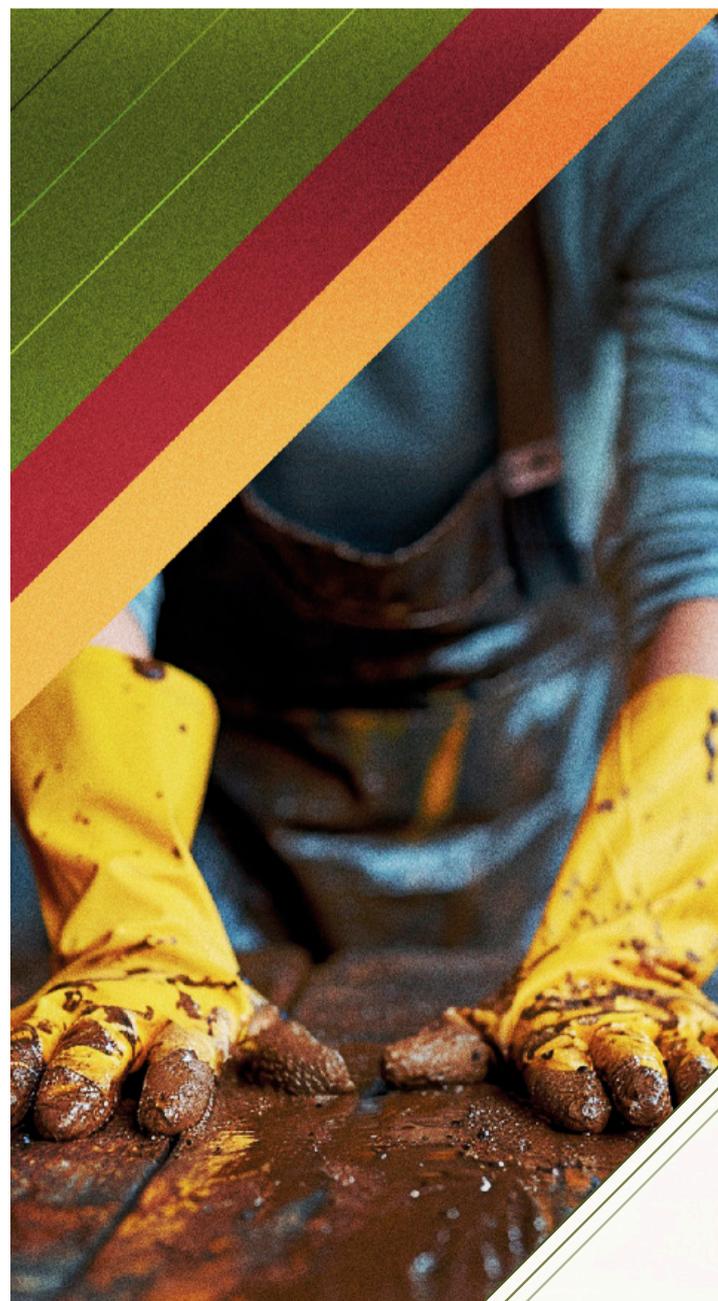
FERNANDO DIAS/SEAPI/DIVULGAÇÃO/JC

Água em abundância e dieta menos calórica são manejos importantes

com florestas, por exemplo, também é eficiente.

Igualmente, a dieta oferecida aos animais precisa ser replanejada com menor oferta calórica nos períodos de altas temperaturas. “A temperatura corporal desses animais deve variar entre 36,5°C e 38,5°C. Caso contrário, eles passam a consumir menos alimentos, reduzem a lactação

e têm inclusive alterações endócrinas que afetam a reprodução. As vacas não entram em cio ou mesmo sofrem perdas embrionárias”, explica a pesquisadora. De acordo com ela, condições extremas para o rebanho bovino são consideradas quando a temperatura supera os 42°C e a umidade relativa do ar está acima dos 70%.



PREVINA-SE CONTRA A

LEPTOSPIROSE.

- Evite contato com a água da inundação
- Use botas e luvas de borracha na limpeza
- Descarte alimentos expostos às águas

Nos primeiros sintomas, procure imediatamente o atendimento de saúde.

- Febre alta
- Dor de cabeça
- Calafrios
- Dores musculares (principalmente panturrilha)

SOSENCHENTES.RS.GOV.BR



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SAÚDE

A bactéria que causa leptospirose pode sobreviver no ambiente por até 180 dias.